

Uma Visão Histórica da Formação da Bíblia

Uma outra grande contestação dos críticos contra a Igreja é o fato de termos novas revelações (escrituras), um cânon sagrado que junta-se a Bíblia como mais uma testemunha do evangelho de Jesus Cristo.

Na verdade - e eles sabem disso - historicamente nunca existiu um cânon ou uma única Bíblia Cristã, mas muitas. Antes mesmo de completar os primeiros 200 anos, a Igreja Cristã já estabelecera uma lista dos livros que eram aceitos como inspirados e canônicos naquele momento, em detrimento de outros não considerados. Foi o chamado cânon Muratorian, descoberto em 1740, em Milão, Itália.

Neste cânon a Igreja Cristã, por exemplo, não considerava - observemos - os livros de Hebreus, Thiago, I e II Pedro como escrituras sagradas e, ainda admitiam como sagradas, somente duas das três cartas de João, fato que até hoje, não sabemos se era I, II ou III João.

E, por outro lado, ainda aceitavam como sagrados, dois livros considerados hoje apócrifos (não-canônicos), fora do Novo Testamento, o Apocalipse de Pedro e o Livro de Sabedoria de Salomão.

É evidente, que o cânon de escrituras logo bem no início da Igreja Cristã (séc. II.) já era diferente do cânon cristão de hoje. E isto nos leva a uma questão: "Poderia - absurdamente - significar que os membros da Igreja dos séculos II e III não eram cristãos porque não aceitavam alguns dos livros que hoje consideramos como inspirados como por exemplo o livro de Hebreus ou de Thiago?" Lembremos que nesta época diversos deles morreram nas arenas por causa de Cristo. Pode alguém imaginar e aceitar que estas pessoas não eram cristãs, simplesmente pelo fato de seu cânon ou suas "Bíblias" da época serem diferentes das nossas de hoje?

Entretanto, esse é o mesmo raciocínio que muitos críticos tentam infundir na cabeça de ouvintes e leitores sobre o Livro de Mórmon.

O famoso historiador da Igreja Cristã do séc. III, Eusébio de Cesaréia, relatou que os cristãos de sua época não aceitavam como inspirados os livros de Hebreus, Thiago, II Pedro, II e III João, Judas e Apocalipse. A idéia que existiu ou exista um único e imutável cânon ou Bíblia concordados por todos os cristãos desde o princípio da Igreja Cristã é um mito.

Na realidade, o cânon de escrituras ou a Bíblia Cristã foi fixada de forma oficial em 1546 pelos Católicos Romanos, no Concílio de Trento, que escolheram quais eram os livros considerados como inspirados e os não-inspirados. E, para muitas das denominações protestantes, o cânon protestante (tem 7 livros a menos que o

católico) só foi oficializado muito tempo ainda depois disto.

Martinho Lutero, o fundador do protestantismo, por exemplo, ensinou que os livros do Novo Testamento tinham valores variados e dividiu-os em três graus separados. No seu prefácio das primeiras edições do Novo Testamento, Lutero ensinou que os livros de Hebreus, Thiago, Judas e Apocalipse estavam no mais baixo grau e não considerava-os entre “os verdadeiros e mais nobres livros do Novo Testamento”.

E ainda foi mais longe, afirmando:

- Que a Epístola de Thiago era “uma carta de palha”;
- Que o Livro de Hebreus contradizia seu próprio autor, Paulo, por ensinar que “não existia nenhum arrependimento depois do batismo”;
- Que o Livro de Thiago contradizia Paulo no ensinamento da justificação pelas obras;
- Que o Livro de Judas foi meramente copiado de II Pedro e de outros livros apócrifos;
- E que o Livro de Apocalipse tratava-se de um material impróprio para um apóstolo, já que este livro não ensinava muito sobre Cristo e o seu autor, o apóstolo João, ainda tinha uma opinião muito boa sobre si mesmo.

Algumas das edições luteranas seguintes da Bíblia separavam os livros de Hebreus, Thiago, Judas e Apocalipse do resto do Novo Testamento e até mesmo eram denominados apócrifos e não-canônicos. Percebe-se por estas explicações que diversos cristãos de diferentes eras tinham outras e até antagônicas concepções acerca dos livros que hoje estão em nossa Bíblia, mas assim mesmo foram e são honrados como verdadeiros cristãos. Isto mostra mais uma vez, que os argumentos de rejeitar o Livro de Mórmon, por segundo os críticos, crescer à Bíblia é totalmente infundado, incoerente e pérfido.

Em parte alguma da Bíblia encontramos alguma referência a si própria como um livro fechado e detentor de toda a palavra de Deus. Aliás, a bem da verdade, a Bíblia como hoje conhecemos é o resultado do trabalho de homens que a si mesmos outorgaram inspiração e autoridade para definirem quais eram os livros canônicos e aceitos ou apócrifos e rejeitados.

Na verdade, nem antigamente, nem hoje, existiu ou existe um cânon cristão ou mesmo uma Bíblia (uma só tradução) aceita por todos os cristãos. Os católicos possuem uma Bíblia com 73 livros. Os protestantes, por sua vez, outra com 66. Portanto, para os católicos, os protestantes retiraram partes da Bíblia e, para os protestantes, os católicos cresceram partes à Bíblia e, assim ambos se contradizem quanto a este assunto.

A pergunta final é: se os católicos podem ter livros considerados sagrados a mais em relação aos protestantes e estes a menos, porque - por uma questão de lógica, por exemplo - A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias não

pode ter o Livro de Mórmon? Falo aqui da possibilidade e não da veracidade, já que a verdade sobre esse sagrado assunto diz respeito ao Espírito Santo...

[Deseja comentar?](#)